

O ATO DE IMIGRAR E A IDENTIDADE CULTURAL HÍBRIDA NAS OBRAS DE MILTON HATOUM E STEFAN ZWEIG

Fidelainy Souza Silva¹

Resumo: O presente artigo apresenta dois exemplos literários sobre a imigração e o hibridismo cultural como aspectos da sociedade brasileira. Com o intuito de expor as consequências do exílio e da imigração, usaremos a obra do escritor austríaco Stefan Zweig, *Brasil, país do futuro* (1941) e, paralelamente, relacionaremos essa narrativa com o romance de Milton Hatoum, *Dois Irmãos* (2000). Adiante, serão confrontadas as ideias edênicas do austríaco Zweig com o romancista Milton Hatoum, o que favorecerá um cruzamento para, a partir dessas perspectivas, verificar como aconteceu a construção de identidade depois do exílio, tanto de Stefan Zweig quanto da família de imigrantes da obra hatouniana.

Palavras-chave: Imigração; identidade; cultura híbrida; Milton Hatoum; Stefan Zweig

Abstract: This article presents two literary examples on immigration and cultural hybridism as aspects of Brazilian society. In order to expose the consequences of exile and immigration, we will use the work of the Austrian writer Stefan Zweig, *Brazil, the country of the future* (1941) and, in parallel, relate this narrative to the novel by Milton Hatoum, *Dois Irmãos* (2000). Later, the Austrian ideas of the Austrian Zweig will be confronted with the novelist Milton Hatoum, which will favor a cross to verify, from these perspectives, how the identity construction after the exile happened, both of Stefan Zweig and of the family of immigrants of the work hatouniana.

Keywords: Immigration; identity; hybrid culture; Milton Hatoum; Stefan Zweig

“(...) Imaginava que o Brasil fosse uma república
qualquer na América do Sul.”
(Stefan Zweig, em *Brasil, país do futuro*).

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Os grandes movimentos migratórios sempre fizeram parte da história da humanidade. No Brasil, foram os processos de deslocamentos e os encontros culturais que contribuíram para a construção da sociedade contemporânea em que vivemos. O período colonial também foi determinante para a formação cultural brasileira, assim como as questões de dominação e de controle cultural foram exercidos de tal modo que as relações imperialistas alteraram as identidades culturais das colônias. A literatura é o espaço em que encontramos essas figuras sociais transformadas pelo processo de colonização.

¹ Mestranda na Universidade Federal do Rio Grande do Sul no Programa de Pós-Graduação em Letras na Linha de pesquisa Teoria, Crítica e Comparatismo.

Atualmente, a literatura brasileira tem os mais variados romances ligados ao tema da imigração, sendo alguns deles diretamente relacionados às consequências da Segunda Guerra Mundial. Para este trabalho, portanto, cruzaremos duas obras distintas que evidenciam as consequências da imigração e a construção de identidade que resultam destes encontros. No romance *Dois Irmãos* (2000), a família de libaneses constitui o núcleo central da narrativa, que imigraram para Manaus durante os anos 1940, e, em *Brasil, país do futuro* (1941), temos a visão de um europeu antes e depois de exilar-se no Brasil.

A narrativa do escritor brasileiro Milton Hatoum é uma obra marcada pela forte presença de imigrantes que vivem no bairro portuário da cidade de Manaus. Neste contexto narrativo, encontram-se diferentes nacionalidades, entre elas: portugueses, espanhóis, franceses, libaneses, japoneses, ingleses, que interagem culturalmente e transformam a região norte brasileira. Questão como essa intensifica a concepção de que a imigração é um dos aspectos formadores do espaço cultural do Brasil. Em contraponto, para construirmos relações de semelhanças e de igualdades com o romance anterior, usaremos a narrativa do escritor austríaco Stefan Zweig, o *Brasil, país do futuro* de 1941. O autor narra suas expectativas antes da viagem e depois relata suas experiências dos anos de exílio no Brasil.

A partir do cruzamento entre essas perspectivas, analisaremos como aconteceu a construção de identidade dessa família de imigrantes dentro da região amazônica, assim como pretendemos compreender a visão geral europeia em relação ao Brasil, levando em consideração o ponto de vista antes de Stefan Zweig imigrar. Essa análise é possível dentro dos estudos culturalistas por meio dos estudos diaspóricos de Stuart Hall (2013), das relações imperialistas de Edward Said (2011) e das questões culturais de Homi Bhabha (2012).

Para Homi Bhabha (2012, p. 19), “encontramo-nos no momento de trânsito em que espaço e tempo se cruzam para produzir figuras complexas de diferença e identidade, passado e presente, interior e exterior, inclusão e exclusão”, ou seja, é o momento de perceber as comunidades contemporâneas e de redimensionar a compreensão de fronteiras culturais. No geral, as culturas sofrem e sofreram processos semelhantes de conflito cultural. As trocas entre culturas diferentes inviabilizam o desmembramento destas e perpetuam o

caráter multicultural da sociedade contemporânea. O cruzamento dessas perspectivas literárias contribui para a compreensão sobre a construção de identidade cultural dessa família de imigrantes dentro da região amazônica, assim como a visão geral de Zweig em relação ao Brasil, considerando os dois momentos, antes e depois de imigrar, contribui para compreendermos as concepções culturais como resultados complexos dos encontros de hibridização.

O ATO DE IMIGRAR E A IDENTIDADE CULTURAL HÍBRIDA

No contexto brasileiro, as narrativas sobre imigração e exílio geralmente são de cunho memorialista, conduzidas em primeira pessoa. A não linearidade do tempo favorece determinada simultaneidade dos fatos do passado e do presente². *Dois Irmãos* (2000), de Milton Hatoum, escritor amazonense, é uma obra ficcional que, de modo geral, remete aos aspectos sociais, políticos e econômicos da época. Ainda que o autor use personagens fictícios, também privilegia suas próprias memórias e, por ser descendente de imigrantes árabes, relata experiências relacionadas à sua infância de imigrante. Considera, sobretudo, as memórias dos pais e dos avós.

Compreende-se, no enredo de *Dois Irmãos*, que as sobreposições de várias nacionalidades são construções fictícias da narrativa, no entanto, essas características acabam também por representar a realidade histórica de Manaus na década de 1940. Para Milton Hatoum, em seu romance, a imigração intensifica o aspecto multicultural do país, mas também é lugar de relações complexas que correspondem à hierarquização de classes sociais. Um exemplo é a descrição da personagem Esterlita Barroso, a qual nas palavras do autor, “Era ativa, considerava-se superior aos vizinhos imigrantes, alimentava-se das lendas do passado da família, e a visita do rei da Bélgica não lhe saía da cabeça. Ostentava os colares e pulseiras de marfim que a avó ganhará do rei” (HATOUM, 2000, p. 87).

Segundo Gerson Neumann (2005), em sua tese de doutorado, as questões sobre imigração alemã para o Brasil partem, primordialmente, de dois

²Cf. DALCASTAGNÈ, Regina. *O tempo no romance brasileiro contemporâneo*. In: ____ **Narrativas contemporâneas: recordes críticos sobre literatura brasileira.** / Org. Gínia Maria Gomes. – Porto Alegre: Libretos, 2012.

motivos, a pobreza causada pela Segunda Guerra Mundial e a divulgação da imagem do Brasil como um lugar abastado. A imagem de enriquecimento em terras brasileiras espalhava para Europa a imagem de o Brasil ser esse país a ser explorado, propício ao lucro. Neumann (2005) trabalha sobre a realidade das colônias alemãs, principalmente, no sul do Brasil. Contudo, para correlacionarmos a imagem brasileira nas duas obras, é preciso dizer que, na obra de Milton Hatoum, a exploração das riquezas naturais, desde a época colonial, deixou como legado o estereótipo de que a Amazônia é, acima de tudo, um lugar lucrativo para os negócios. Em contrapartida, esse posicionamento apaga os traços culturais heterogêneos dessa região, reforçando os estereótipos sobre a facilidade de conseguir riquezas. Essa postura também diminui a importância dos centros urbanos da região norte do país, silencia a voz dos nativos, assim como desvincula a imagem de um país com diferentes realidades culturais. No entanto, esta análise não defende continentes específicos, ao contrário, a postura multicultural coloca essa discussão em evidência para melhor compreender os problemas da hierarquização cultural, legado do período colonial. Nesse caso, o espaço amazônico, presente na obra de Milton Hatoum, pode ser considerado um espelho para interpretações em relação a imagem do Brasil no imaginário europeu, assim como a obra de Stefan Zweig serve para análise do posicionamento construído depois do ato de imigração, já que Zweig vivencia um Brasil completamente diferente do que ele imaginava antes do exílio.

A identidade da Amazônia é compreendida em grande medida pela teórica chilena Ana Pizarro (2004), vista como área cultural. Essa concepção ampla inclui todos os elementos socioeconômicos e políticos da região. Assim, além de considerar a grande riqueza natural, as florestas, os rios e a biodiversidade, ainda, considera os processos de povoação, as grandes explorações, os conflitos de terras, as questões indígenas, a grande riqueza folclórica, a importância da culinária e das festividades da região amazônica. Para a teórica, é um problema visualizar a Amazônia como “patrimônio ecológico” do mundo, pois essa visão determinista atrapalha o conhecimento real desse espaço geográfico. É preciso compreender a importância natural da floresta amazônica para o planeta, contudo, isso não justifica a visão unilateral de que essa seja a única característica da região. Além disso, Pizarro acentua

as diferenças geopolíticas dos nove³ países que compõem a Amazônia, ou seja, é impossível categorizar e uniformizar essa área cultural. Cada país teve processos de colonização distintos e, inevitavelmente, constituem polos de diferentes formas híbridas de cultura, decorrentes de outros processos de imigrações e de mesclas, de modo que todos esses países precisam ser respeitados dentro de suas particularidades.

Conhecer a Amazônia em seus traços identitários é uma forma de colaborar com sua auto-identificação diversificada por diferentes grupos indígenas, por grupos de migrantes internos dos países da área, por imigrantes, pela penetração de missões, e grupos ligados à droga, e articulada ao mesmo tempo por formas comuns de trabalho e de vida, de expectativas e fracassos, por universos míticos, por formas de contato com a cultura ilustrada e por formas violentas de contato e ingresso na modernização. Conhecer a Amazônia é uma forma de apropriá-la para o continente que a olhou sem vê-la. (ANA PIZARRO, 2004, p. 34)

Nessa perspectiva, é preciso que as diferenças linguísticas, alimentares e geográficas ampliem a visão sobre o espaço amazônico. Assim, para ser considerado lugar global de importância planetária, é necessário enaltecer esse “espaço” pelo viés multicultural. A visão simplista do apelo às belezas naturais é negar as múltiplas interpretações identitárias desse lugar. Nas palavras de Ana Pizarro, (2004, p. 33), a “Amazônia é hoje, para nós, como para todos, de um ponto de vista internacional, um centro de elaboração cotidiana de cultura”. As riquezas naturais são apenas os elementos ornamentais, assim como os mitos, as lendas, os pratos exóticos e as danças, contudo, agregados a esses ornamentos estão os fenômenos sociais carregados de violência territorial que ocorrem nessa região, tais como a miséria social, as destruições das áreas ecológicas, os conflitos políticos, entre outros. São todos esses os fatores constituintes da complexidade cultural dessa região.

A partir desses aspectos gerais sobre imigração e dos encontros culturais provenientes desse processo, correlacionamos aos processos de imigração que também ocorreram na região amazônica. Nas obras de Milton Hatoum e de Stefan Zweig, há certa justaposição de elementos culturais, provenientes dos processos imigratórios. Nesse sentido, a partir das perspectivas dos autores das obras, tomamos o sujeito imigrante como um dos aspectos principais desta

³ Bolívia, Colômbia, Equador, Guiana, Guiana Francesa, Peru, Suriname, Venezuela e Brasil.

análise. Em primeiro lugar, é possível verificar a adaptação ao novo lugar, e, em segundo, justificar o processo de construção da identidade do imigrante.

Para Cornejo Polar (2000), a fragmentação do sujeito é inerente à natureza humana, haja vista a multiplicidade de experiências no tempo e no espaço. Desse modo:

estratifica suas experiências de vida e que não pode nem quer fundilas, por que sua natureza descontínua enfatiza precisamente a múltipla diversidade desses tempos e desses espaços, e os valores e imperfeições de uns e outros. A fragmentação talvez seja sua norma. (...) a passagem de uma cultura a outra, em mais de um sentido contrapostas, cujo signo maior é um bilinguismo que, mesmo se fosse simétrico – e quase nunca o é - produz uma aguda ansiedade pelo confuso hibridismo de lealdades e pragmatismos. (CORNEJO POLAR, 2000 p. 130)

O autor apresenta a passagem de uma cultura a outra como ponto de partida para o processo de formação de um sujeito híbrido, bilíngue e multicultural, elementos esses compartilhados pela imigração. Desse modo, hibridação cultural é também resultado da interação de um mesmo sujeito com dois espaços distintos para que a fragmentação e a mobilidade geográfica sejam responsáveis pela dualidade ou pela multiplicidade do sujeito imigrante. Para este trabalho, então, considero duas vertentes sobre o processo de imigrar: a postura do imigrante na terra estrangeira e também as imbricações identitárias e culturais que, inevitavelmente, acontecem quando este já se encontra exilado.

ENTRE ESPAÇOS: A EXPERIÊNCIA DO DESLOCADO

Stefan Zweig viveu na Inglaterra, depois nos Estados Unidos da América e por fim, veio para o Rio de Janeiro, onde viveu até os últimos anos de sua vida. O texto do escritor austríaco, *Brasil, país do futuro* (1941), relata sua experiência de exílio no Brasil, quando deixou a Áustria em 1934 por causa do nazismo. É uma narrativa sobre imigração e exílio conduzida de forma confessional e relata principalmente as impressões do autor sobre concepções antes da viagem. Ao chegar, observa a realidade de forma utópica, pois descreve o Brasil como um lugar pacífico, harmônico e sem cultura própria, aspectos que não remetem à realidade brasileira da época. Dito de outro modo, a escrita de Zweig descreve de forma tão idealizada e imaginativa que mais parece a descrição de um lugar fictício, haja vista, os grandes elogios à pacificidade do povo brasileiro.

Suas experiências como imigrante contribuíram para duas fases de suas narrativas: a primeira representa a visão distorcida sobre o Brasil, enquanto a segunda representa, depois da viagem, o deslumbramento do local. Aqui, cabe uma ressignificação, tanto a visão antes da viagem, quanto o encantamento pós-viagem não condizem com a heterogeneidade brasileira. No trecho abaixo, o escritor descreve a noção geral do europeu em relação ao Brasil, ou seja, a percepção de que o Brasil não passa de mais uma república da América do Sul:

Minhas expectativas não eram lá muito grandes. Eu tinha, sobre o Brasil, a ideia pretenciosa que, sobre ele, tem o europeu e o norte americano, e tenho agora dificuldade para recordá-la. Imaginava que o Brasil fosse uma república qualquer das da América do Sul, que não distinguíamos bem uma das outras, com o clima quente, insalubre, com condições políticas de inquietude, finanças arruinadas, mal administrada e só parcialmente civilizadas nas cidades marítimas, mas com belas paisagens e com muitas possibilidades não aproveitadas – país, portanto, emigrados ou colonos e, de modo nenhum país do qual se pudesse esperar estímulo para o espírito. (ZWEIG, 1960, p. 12-13).

Dito isso, o autor se desculpa pela visão equivocada, pois o período que passou no Brasil o levou a perceber um lugar propício para o desenvolvimento, inclusive, previsto, segundo o autor, como o país do “futuro do mundo”:

Muitas vezes fiquei surpreso de ver que ideias confusas e deficientes, mesmo por pessoas cultas e interessadas em coisas políticas, possuem sobre este país que, indubitavelmente, está destinado a ser um dos mais importantes fatores do desenvolvimento futuro do mundo (ZWEIG, 1960, p. 18).

Ao longo da obra, o autor reconhece que o imaginário europeu fantasia sobre a cultura, a geografia e o idioma brasileiros, a ponto de afirmarem que o espanhol é a língua oficial do Brasil. Zweig, argumenta ainda, em sua narrativa, alguns casos de colegas e de viajantes que exteriorizaram o pensamento equivocado sobre esses fatores. Com a intenção de construirmos um paralelo entre essa perspectiva apontada pelo autor e a realidade presente na obra de Milton Hatoum, podemos inferir que até os dias de hoje a imagem geral de que o Brasil é um país homogêneo culturalmente. O continente sul-americano não é como uma unidade.

A postura pós-colonial proposta por Walter Dignolo (2008) enaltece as histórias subalternas de países colonizados com a intenção de desestruturar as bases dos poderes políticos e econômicos eurocêntricos. Com essa desestruturação do pensamento dominante, é possível se pensar nos encontros

culturais. Percebe-se que essa postura evidencia o convívio de diferentes culturas ao invés de enaltecer uma cultura em detrimento de outra.

O apagamento da Europa e o surgimento da América, proposta por Ottmar Ette (2008), revela exatamente uma visão contestadora da concepção de que o ocidente seja o berço da civilização. Ignorar a hegemonia cultural cede lugar para busca por outros espaços culturais. O massacre sofrido pela falta de historiografia não confere a região amazônica hatouniana um lugar puro culturalmente. A ausência de textos históricos, a forte presença da culinária e os elementos culturais indígenas podem até reforçar a concepção de essencialidade cultural amazônica, porém são esses elementos os propulsores para pensarmos a Amazônia brasileira pelo viés da multiculturalidade. Essa postura desestabiliza a hierarquização cultural e caminha pela vertente dos entre espaços culturais da contemporaneidade.

Ainda na esteira do pensamento do escritor Zweig, mesmo após conhecer o Brasil, continua com uma visão idealizada do país. Assim, a nova percepção sobre o Brasil só ocorre a partir do encantamento em relação às cenas culturais que, para Zweig, foram manifestações impensáveis, antes de sua partida. O estágio de deslumbramento o faz ignorar a realidade, em que a visão positiva e utópica, torna-se verdade inquestionável, já que representa a escrita de um observador do espaço descrito. Observa-se, então, uma descrição que pode ser considerada poética,

Deu-se então minha chegada ao Rio, que me causou uma das mais fortes impressões de minha vida. Fiquei fascinado e, ao mesmo tempo comovido, pois se me deparou, não só uma das mais magníficas paisagens do mundo, nesta combinação sem igual de mar e montanha, cidade e natureza tropical, mas também uma espécie inteiramente nova de civilização. Aqui havia, inteiramente contra minha vontade, um aspecto absolutamente próprio, com ordem e perfeição na arquitetura, e no traçado da cidade, que havia arrojo e grandiosidade, em todas as coisas novas e, ao mesmo tempo, uma civilização antiga ainda conservada de modo muito feliz, graças à distância. (ZWEIG, 1960, p. 14).

Tendo em vista a postura do escritor, seu discurso está marcado pela esperança de que o Brasil seja a salvação da humanidade. Este pensamento se justifica se analisarmos a situação brasileira, paralela, ao caos vivido na Europa durante a Segunda Guerra Mundial. Ao utilizar o termo “Europa Suicida”, Stefan Zweig, evidencia esse olhar de tristeza em relação a um continente europeu que fracassou em relação aos direitos cívicos e mostrou para o mundo barbáries

inimagináveis, como o holocausto. Por isso, após conhecer o Brasil, a narrativa do escritor nos leva a arguir que percebe o Brasil como uma terra de esperanças por ter seu país de partida como referência válida de um país destruído. Portanto, descrever sua experiência de deslocado, serve para acentuar a pacificidade dos brasileiros, o convívio harmonioso entre os diferentes, o bom funcionamento das instituições públicas e, principalmente, a presença simultânea da arquitetura urbana e a beleza natural.

Tais questões remetem aos conceitos de hibridismo cultural, de entre-lugar e de lócus de enunciação cultural, como visto na citação abaixo:

o conceito de lócus de enunciação revela esse *locus* atravessado por toda gama heterogênea das ideologias e valores socioculturais que constituem qualquer sujeito; é nisso que Bhabha chama de “terceiro lugar” – que toda a gama contraditória e conflitante de elementos linguísticos e culturais interagem e constituem o *hibridismo*. (ABDALA JUNIOR, 2004, p.119).

Para Abdala Junior, o sujeito é um complexo cultural, social e ideológico resultante de suas interações internas e externas a ele. Assim, as experiências e as trocas vividas pelos sujeitos imigrantes das narrativas, tanto de Zweig quanto de Hatoum, impossibilitam rótulos fixos. Nessa vertente, o conceito de terceiro espaço retrata o sujeito híbrido como uma mescla entre os costumes de outrora, do país de origem, com os novos hábitos aprendidos no país de acolha. Logo, em *Dois Irmãos* e em *Brasil, um país do futuro*, foi possível evidenciar questões relacionadas aos processos de identificação, principalmente, em relação ao conceito de diferença cultural cunhado por Bhabha (2012). Para esse teórico, o Outro não deve ser referência de diferença ou de oposição, mas deve servir de articulador entre duas culturas distintas. A ideia pós-estruturalista não concorda com a dominação cultural pelo Outro, mas concorda com as misturas sem hierarquia de poder.

A diversidade cultural é um objeto epistemológico – a cultura como objeto do conhecimento empírico –, enquanto a diferença cultural é o processo da *enunciação* da cultura como “conhecível”, legítimo, adequado à construção de sistemas de identificação cultural. [...] A diversidade cultural é também a representação de uma retórica radical da separação de culturas totalizadas que existem intocadas pela intertextualidade de seus locais históricos, protegidas na utopia de uma memória mítica de uma identidade coletiva única. (BHABHA, 1998, p. 63).

Segundo o Bhabha, há certo rompimento com a epistemologia tradicional de identidade coletiva única, pois, nenhuma cultura é completa e única, e tão pouco é a simples relação entre o Eu e o Outro. A cultura vai contra a noção de pureza e de fixidez, representando o pluralismo e a universalidade de que todas as culturas são híbridas. Ela parte de um terceiro espaço de enunciações e possibilidades múltiplas de encontro, valendo da ideia de que o mundo moderno não tem região de fronteira que separa culturalmente, mas carrega exatamente o sentido de que são essas regiões responsáveis pela mescla cultural.

Em *Dois irmãos*, de Milton Hatoum, as características ocidentais estão em relação direta com as características orientais. Como resultado dessa interação, temos a construção de uma identidade cultural em movimento (in)constante, haja vista que o oriente e o ocidente dão espaço a um terceiro lugar nas ressignificações culturais. Para Bhabha (2012), para encontrar esse lugar de ressignificações entre culturas, é preciso compreendermos identidade pela diferença cultural. Ou seja, não se trata de uma questão simplória sobre a identidade dos diferentes, no entanto, reconhecer ao que a sociedade se forma através da complexa relação de assimilação de significados culturais ou suas práticas. Para Milton Hatoum, a Amazônia é espaço que conversa com outras culturas. O autor não parte de uma literatura regional para enaltecer a região, antes usa de temas universais como a fragilidade da vida, as relações de tempo, questionamentos sobre o amor e o ódio entre irmãos. O autor enaltece o ambiente amazônico descrevendo as belezas naturais, linguísticas e folclóricas da região, no entanto, faz isso dentro de uma perspectiva pós-moderna, isto é, apresenta a Amazônia como fronteira cultural, plural, heterogênea e que está em sintonia com outros espaços.

Falavam português misturado com árabe, francês e espanhol, e dessa algaravia surgiam histórias que se cruzavam, vidas em trânsito, um vaivém de vozes que contavam um pouco de tudo: um naufrágio, a febre negra num povoado do rio Purus, uma trapaça, um incesto, lembranças remotas e o mais recente: uma dor ainda viva, uma paixão ainda acesa, a perda coberta de luto, a esperança de que os caloteiros saldassem as dívidas. Comiam, bebiam, fumavam, e as vozes prolongavam o ritual, adiando a cesta. (HATOUM, 2000, p.48).

Mesmo que o foco desses estudos sobre mestiçagem e trocas culturais esteja nos frequentes exemplos da Europa e na sua expansão para a América, esses encontros de hibridação acontecem desde a Grécia Clássica. De modo que, para Néstor García Canclini, as relações de confronto entre as

comunidades definem relações resultantes dentro de um processo chamado de hibridação, em que diz:

Entendo por hibridação processos socioculturais nas quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas. Cabe esclarecer que as estruturas chamadas discretas foram resultado de hibridações, razão pela qual não podem ser consideradas fontes puras. (CANCLINI, p. 19, 2013)

A hibridação não pretende transformar a identidade em objeto de pesquisa, contudo usa práticas de fala, os aspectos culinários, as festividades, entre outros. Nesse sentido, a noção que envolve essas práticas perpassa o conceito de hibridação em que as identidades se configuram em não-puras e tão pouco autênticas. Além disso, a visão, ao classificar as identidades entre nacionais e locais, estaria equivocada. Assim, em Canclini (idem), podemos dizer que categorizar as práticas híbridas não é uma tarefa simplista, porém possíveis de serem identificadas e analisadas. Dentro da obra de Milton Hatoum, os processos de hibridação ocorrem também com os nomes dos personagens que são em sua maioria árabes, mesmo que os filhos tenham nascidos em Manaus recebem nomes de acordo com a cultura mulçumana. Os costumes árabes e manauaras atravessam a narrativa e contribuem para um imbricado de informações sobre a cultura, o clima, a religião e até mesmo a culinária, vistos como praticas culturais híbridas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das expectativas do texto confessional e intimista de Stefan Zweig e a narrativa de Milton Hatoum, foi possível perceber, em ambos, os encontros culturais de diferentes nacionalidades. Enquanto Zweig revela o olhar de viajantes que fantasiavam o que seria o “tal” Brasil, Hatoum mostra a realidade de vários imigrantes que se fixaram no país, particularmente, na Amazônia.

Ressalto ainda que as duas narrativas analisadas são diferentes no que diz respeito à proposta de narrativa, estrutura textual, gênero narrativo. Contudo, neste texto, foi feito um recorte para evidenciar os aspectos sobre a imigração e a visão de quem migra. Também foi evidenciado o cruzamento das nacionalidades de quem migra, elevando os aspectos das práticas culturais híbridas da Amazônia. Nesse sentido, considerando as semelhanças de um lado, o texto de Stefan Zweig, ao qual relata a realidade do Rio de Janeiro; “absolutamente não é de uma só raça, ou de raça pura: é uma mistura de

antepassados ibéricos, romanos, góticos, fenícios, judeus e mouros. A população aborígine [...] e os negros [...] tudo isso constantemente se misturou, cruzou e, além disso, se revivificou” (Zweig, 1960, p. 195). Do outro lado, na obra de Hatoum, a multiplicidade específica da região amazônica; “Falavam português misturado com árabe, francês e espanhol, e dessa algaravia surgiam histórias que se cruzavam, vidas em trânsito, um vaivém de vozes que contavam um pouco de tudo”. (HATOUM, 2000, p.48).

Nessa perspectiva conclusiva ou não, percebo os autores representantes de algumas características da formação cultural brasileira. Dentre o aglomerado de sujeitos imigrantes narrados, foi possível traçar o perfil identitário múltiplo ao brasileiro, em que todos esses aspectos afirmam, em grande parte, até os dias de hoje, as práticas culturais híbridas e a imigração como partes intrínsecas à formação da identidade nacional brasileira. Bhabha (1998) corrobora com essa ideia, pois pontua que o hibridismo cultural configura sentido em torno de práticas culturais, funcionando, na verdade, como integrante do processo de identificação, dentro da perspectiva de cruzamento entre uma e ou várias outras culturas.

Além desses aspectos sobre a formação cultural brasileira, é possível também abrir um paralelo para as imagens desiguais dentro do próprio Brasil, haja vista as grandes dimensões territoriais e os diferentes processos de povoamento de cada estado. Conseqüentemente, há também as hierarquias entre estados, sendo que, alguns recebem maior visibilidade, enquanto outros ainda estão no processo de romper o silenciamento. Portanto, coube a este trabalho articular algumas considerações sobre a imigração europeia para o Brasil e considerar como aconteceram as representações do processo migratório em duas obras pertencentes ao sistema literário brasileiro. As narrativas são vistas como elementos culturais, responsáveis pelo processo de construção da identidade nacional.

REFERÊNCIAS

BHABHA, H. K. A questão do “outro”; diferença, discriminação e o discurso do colonialismo. In: HOLLANDA, H. B. (org.) **Pós-modernismo e política**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

- BHABHA, K. H. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. 2. ed. – Belo Horizonte: Editora, UFMG, 2013.
- BRAGA, J. S. O pathos do exílio no escritor Milton Hatoum. In: **Círculo fluminense de estudos filológicos e linguísticos**. Cadernos do CNLF, Vol. XVII, Nº 05. Rio de Janeiro: CIFEFiL, 2013.
- CANCLINI, N. G. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. Trad. Heloísa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa. 3 ed. São Paulo: Edusp, 2013.
- COUTINHO, E. F. **Literatura comparada: reflexões**. Eduardo F. Coutinho. – São Paulo: Annablume, (Coleção Língua, Discurso e Literatura) 2013.
- DALCASTAGNÈ, R. O tempo no romance brasileiro contemporâneo. In **Narrativas contemporâneas: Recordes críticos sobre Literatura Brasileira**. / Org. Gínia Maria Gomes. – Porto Alegre: Libretos, 2012.
- DINES, A. Stefan Zweig, aquele que volta. **Noaj=Noah: revista literária / asociación internacional de escritores judíos en lengua hispana y portuguesa**. - n. 16/17, jun. 2007. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2007.
- EAGLETON, T. Conclusão: Crítica política. In: **Teoria da literatura: uma introdução**. Tradução Waltensir Dutra; 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- ETTE, O. **Literatura en movimiento: espacios y dinámica de una escritura transgresora de fronteras en Europa y América**. -Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 2008.
- Gomes, G. M.. (Org.). **Migrações e exílio: trânsitos no romance brasileiro contemporâneo**. 1. Ed. Porto Alegre: Instituto de Letras UFRGS, 2016.
- HATOUM, M. **Dois irmãos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- MIGNOLO, W. D.; Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidades em política. **Cadernos de letras da UFF**, nº 34. p. 287-324, 2008.
- NEUMANN, G. R. Conhecendo Herbert Caro. **Revista contingentia**. Porto Alegre, vol. 2, n.1, mai.2007. Disponível em <<http://seer.ufrgs.br/index.php/contingentia/article/view/3852/2150>>. Acesso em: 05 de junho de 2016.
- PIZARRO, A. Áreas Culturais na modernidade tardia. In: **Margens da cultura: mestiçagem, hibridismo e outras misturas** / Benjamin Abdala Junior, organizador. – São Paulo: Boitempo, 2004.
- POLAR, A. C. **O condor voa: literatura e cultura latino-americanas**. Organização Mário J. Valdés; tradução Ilka Valle de Carvalho. – Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000.
- ZWEIG, S. **Brasil, país do futuro**. Trad. Afrânio Peixoto. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1960.